



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

REFLEXÕES E PROPOSTA URBANO-PAISAGÍSTICA PARA UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO AGRESTE ALAGOANO.

LUANA KAROLLINE MOREIRA DE LIMA¹

CARLINA ROCHA DE ALMEIDA BARROS²

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de anteprojeto urbano paisagístico para a comunidade quilombola do Carrasco, localizada no município de Arapiraca, agreste alagoano, evidenciando a luta pela sobrevivência e resistência desses afrodescendentes que viveram a conjuntura dos últimos momentos da escravidão no Brasil até a contemporaneidade. Muitas são as comunidades quilombolas no Brasil que lutam pela conquista, ou permanência em seus territórios ancestrais. Deste modo, o território da Capitania de Pernambuco, então abrangente do atual território alagoano, foi palco de constante movimentação de navios negreiros, vindos diretamente do continente africano ou de províncias como Bahia e Rio de Janeiro. Falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política. Observa-se que um grande número de pessoas não tem conhecimento nem mesmo da existência de tais comunidades e, apesar de avanços, muito ainda precisa ser feito em defesa desse povo, que são, inegavelmente, parte da população brasileira e tem os mesmos os direitos. A proposta urbano paisagística procurou interferir minimamente na comunidade, de forma a não afetar sua identidade coletiva e buscou valorizar suas potencialidades, deixando clara a relevância das relações que se constroem no local, ressaltando a questão cultural e identitária. Assim, a memória das gerações mais antigas torna-se fundamental para a afirmação da territorialidade desta e de outras comunidades.

Palavras - chave: Território, Quilombolas, Proposta Urbano Paisagística.

BREVE PANORAMA SOBRE COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL E EM ALAGOAS

O conceito de escravidão é bem mais antigo do que o tráfico do povo africano. Em princípio, estava associado às guerras em quase todos os povos; os vencidos eram feitos escravos, na Grécia, em Roma, mas também entre os Incas sul-americanos e Astecas do México antigo. Muitas dessas civilizações usaram e dependeram do trabalho escravo para a execução de tarefas mais pesadas e rudimentares. Mas ao falarmos em escravidão, é difícil não pensar nos comerciantes portugueses e ingleses

¹ Arquiteta e Urbanista pelo Centro Universitário CESMAC desde 2016.

² Mestre em Conservação e Restauro pela UFBA – Universidade Federal da Bahia e professora titular 40h do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário CESMAC.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

que superlotavam os porões de seus navios com negros africanos, colocando-os a venda por toda a região da América (AQUINO, 2013).

Este cenário foi sendo constituído, também, ao longo da história do povo brasileiro, durante o período colonial. Ou seja, por mais de 300 anos, a base da economia assentou-se na produção escravista. Porém, onde houve escravidão, houve resistência, manifestada pelo suicídio, pelo assassinato de feitores e, principalmente, pelas fugas individuais ou coletivas e consequente formação dos quilombos, como ficaram conhecidas às comunidades de negros fugidos espalhados por todo o território brasileiro (VIEIRA, 2013). No intuito de compreender a cultura quilombola, buscou-se entender de onde vieram os negros e a forma como eles vêm sendo tratados ao longo do tempo (WAGNER, 2002).

Por volta de 1549, é iniciado o que foi considerado o maior tráfico de pessoas no mundo. A África, durante muito tempo, exportou uma mercadoria polêmica que tinha demanda em quase todos os lugares: os escravos.

O negro tornado mercadoria não era escravo, mas sim um escravizado. Ninguém nasce escravo, é assim transformado em uma ordem escravocrata, pois a escravidão não é um fato natural, é uma condição social imposta (SILVA, 2011, p. 76).

A chegada desses africanos escravizados, em terras alagoanas, pode ter ocorrido de várias formas, porém, todas com seu grau de semelhança. Uma das rotas mais utilizadas, para a vinda ao Nordeste, era o desembarque na cidade de Salvador. Por volta do século XVI e XVII o território alagoano, pertencente à Capitania de Pernambuco, recebeu vários escravos através do tráfico, uma vez que os fazendeiros da região, por estarem distantes das zonas portuárias do Recife e de Salvador, organizaram navios que iam diretamente à África buscar seus próprios escravos, sem autorização da Coroa Portuguesa, desembarcando nas praias alagoanas. (STABEN, 2011).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A história do negro no Brasil não se constitui somente de submissão, houve também, diversas formas de resistência negra à escravidão como revoltas e fugas. Antes e após a abolição no Brasil já se formavam os grupos de resistência denominados Quilombos. Partindo da origem da palavra quilombo, Kabengele Munanga afirma que é seguramente uma palavra originária dos povos bantu, kilombo, aportuguesado quilombo. (MUNANGA, 1995/96). Os habitantes dos quilombos eram denominados “Quilombolas”. Alguns desses agrupamentos venceram o tempo e chegaram aos dias atuais, em suas mais variadas transfigurações (Figura 1), sendo, hoje, denominada “Comunidades Quilombolas” (TRILHA, 2011).



Figura 1: Mapa do estado de Alagoas mostrando as comunidades quilombolas, com destaque para Carrasco em Arapiraca.

Fonte: Adaptado de Iteal, 2011. Acesso em 2015.

Foram muitos e variados quilombos em terras brasileiras, mas o quilombo dos Palmares, em Alagoas, foi a maior e mais duradoura comunidade de escravos fugitivos na América. Conheceu o seu auge na segunda metade do século XVII,



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

constituindo-se no mais emblemático dos quilombos formados no período colonial. Só em Alagoas, entre os anos de 2005 e 2011, sessenta e quatro comunidades quilombolas foram identificadas. Em 2007, foram certificadas em Arapiraca duas comunidades, a Comunidade do Pau D'Arco e a Comunidade do Carrasco (Tabela 1), está ultima objeto de estudo desse artigo.

Tabela 1: Comunidades Quilombolas de Arapiraca

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
6	Arapiraca	Carrasco	Certificada em 13/03/07	290
7	Arapiraca	Pau D'arco	Certificada em 07/02/07	510

Fonte: <http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidades-quilombolas-de-alagoas/comunidadesquilombolas-de-alagoas>. Acesso em 2015.

Constituídos a partir de uma grande diversidade de processos, os grupos hoje considerados remanescentes de quilombos em Alagoas guardam características semelhantes com relação à saúde, educação, religião e atividades artísticas. Além disso, lutam diariamente pelo direito de serem agentes de sua própria história.

Arapiraca, localizada no agreste do estado (Figura 2), é a principal cidade do interior alagoano, com uma população de 229.329 habitantes em 2014, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ficou conhecida, nos anos 1970, como a "Capital do Fumo" por ser uma das maiores produtoras de tabaco do país, a cultura do fumo teve importância fundamental para a elevação econômica de Arapiraca. Com a falência da cultura fumageira, a cidade buscou alternativas que ampliaram a sua força produtiva.(PLANO DECENAL ARAPIRACA, 2012). Arapiraca destaca-se como importante centro comercial da região agreste, a área de influência direta do município atinge uma população de aproximadamente meio milhão de habitantes.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Figura 2: Mapa do Brasil à direita, localizando o estado de Alagoas, e acima com enfoque na cidade de Arapiraca.

Fonte: agrestenews.blogspot.com. Acesso em 2015.

No entanto os remanescentes de quilombos atuais em Alagoas, especificamente no município de Arapiraca, são comunidades produtivas de culturas de subsistência, e excluídas da macro cultura dominante da cana de açúcar em Alagoas, também, não jogam peso salutar no dinamismo comercial do setor de serviços, responsável em maior escala pelas finanças de Arapiraca. São grupos onde varia o grau de consciência de uma cultura quilombola, ora intensa e presente, ora frágil e apagada. São comunidades rurais que lutam para sobreviver e sofrem com a discriminação que permeia historicamente a trajetória dos negros.

É justamente esse impacto, do reconhecimento da comunidade como reduto quilombola, que o nosso local de estudo guarda, qual seja, a de preservar o patrimônio material e imaterial da cultura afrodescendente.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

1. COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CARRASCO: CARACTERIZAÇÃO GERAL

A ocupação quilombola do Carrasco existe há mais de 200 anos, segundo relatos dos moradores, porém, é válido ressaltar que, não há um limite oficial na certificação desse território ancestral pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional. A origem do povoado remonta às primeiras décadas do século XIX, a partir de uma grande proprietária de terras conhecida como Antônia Rosa, que faleceu sem deixar herdeiros, segundo relatos dos moradores mais velhos. Naquele tempo, Antônia Rosa era a maior autoridade local, nesse período ainda existiam escravos, tronco e algumas casas de taipa de sua propriedade, onde viviam seus escravos e suas mucamas que vieram da Angola, formando assim, o grupo dos primeiros cativos. *“O povoamento da comunidade seguiu o mecanismo do parentesco, com matrimônios sendo estabelecidos dentro do mesmo círculo macro familiar, denominado assim para que se compreenda a união entre primos”* (OLIVEIRA, 2014).

Dez quilômetros separam a comunidade do Carrasco da sede do município (Figura 3). A comunidade apresenta uma área total de aproximadamente 2177.888m², tendo como um ponto de referência mais próximo a Universidade Federal de Alagoas (Campus Arapiraca). As estradas de acesso não estão pavimentadas, são de barro e esburacadas, e não há nenhuma indicação do povoado em placa de sinalização na rodovia, para chegar até lá existem três acessos principais, o mais utilizado pelos moradores é via Bairro Massaranduba, por onde trafega o transporte coletivo que atende a comunidade, existe, também, o acesso pela Rodovia AL 115 e, ainda, pelo Povoado Bom Nome.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

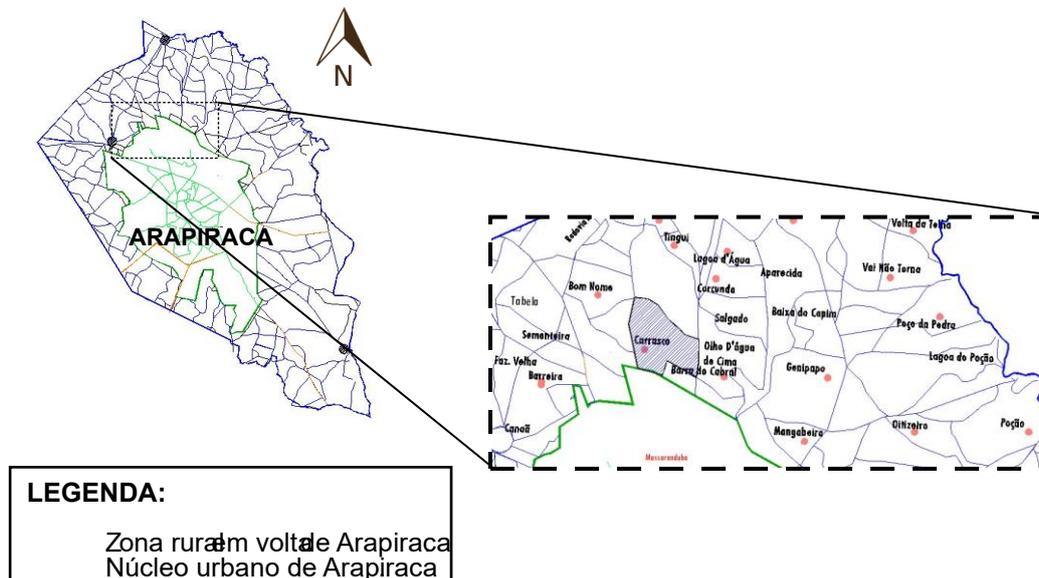


Figura 3: Enquadramento da área em estudo em volta do núcleo de Arapiraca junto a outros povoados.

Fonte: Prefeitura de Arapiraca, 2015.

Ainda sobre o aspecto infraestrutural, impressiona a falta de espaços de convívio, como praças e equipamentos esportivos, os jovens improvisam a prática de esporte em áreas utilizadas para o cultivo, quando estes não ocorrem no verão, ademais, utilizam as estradas para outras atividades de lazer. A distribuição de água encanada é outro aspecto deficiente, uma vez que não atende toda a comunidade. A renda da maioria dos moradores vem da agricultura de subsistência, trabalho local que tem se firmado, desde os primórdios da comunidade, com cultivo de mandioca, macaxeira, milho, feijão de corda e outras culturas alimentícias, havendo, ainda, a persistência da cultura do fumo.

A comunidade tem acesso à educação até o Ensino Fundamental (anos iniciais), através da Escola Manoel João da Silva, em regime de tempo integral, presente na comunidade desde 1991, com aproximadamente 117 crianças só do Carrasco numa faixa etária de 4 a 11 anos, recebe, ainda, alunos de outras comunidades como: Olho D'água de Cima, Massaranduba, Sementeira, Tabela, Barreiras e Bom Nome,



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

chegando a um total de 444 alunos. Na escola acontecem projetos e atividades para a preservação e propagação cultural da comunidade quilombola³.

No entanto, a falta de continuidade em séries mais avançadas, faz com que os alunos precisem se deslocar para a Comunidade Massaranduba, em busca da Escola que lhe proporcionará o Ensino Fundamental II. Com relação ao Ensino Médio, a maior parte dos jovens tem que se deslocar até o centro urbano de Arapiraca, poucos conseguem concluir esse segmento educacional. Há o funcionamento de uma Unidade Básica de Saúde, Antônio Félix da Silva, de bom porte para atendimento comunitário e inaugurada em 30 de março de 2012.

Carrasco tem origem no nome de uma planta de folhas finas e arredondadas, muito comuns no século XIX, porém, quase inexistentes hoje em dia na região (Figura 4). A localidade surge, enquanto povoado, através da doação de terras de Antônia Rosa aos libertos, para que estes se ocupassem das roças. As condições de vida após a abolição nem sempre foram boas, embora, os moradores tivessem seus próprios pedaços de terras e suas casas de taipa. As mulheres faziam panelas e potes de barro para venderem na feira de Arapiraca.

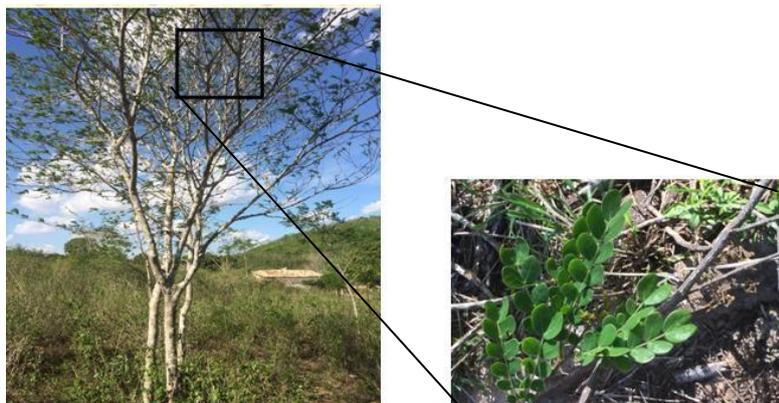


Figura 4: Árvore Carrasco
Fonte: Acervo do autor, 2015.

³ Informação fornecida pela Escola Manoel João da Silva, 2015.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

As interações sociais presentes na comunidade precisam passar por uma série de orientações a respeito do reconhecimento quilombola e seus significados.

2. METODOLOGIA DE ANÁLISE SÓCIO ESPACIAL

Para quem desconhece a configuração espacial de quilombo, ao pensarmos em uma comunidade quilombola, tendemos a imaginá-la como um agrupamento de moradias próximas umas das outras, de modo que seja possível, por exemplo, visualizarmos o espaço principal em uma única imagem. Mas na comunidade do Carrasco, em geral, isso não é possível. Quase sempre o que se pode visualizar num único quadro é um pequeno número de construções, às vezes apenas uma, ou pequenos grupos de casas isolados. Isto demonstra que o que constitui uma comunidade quilombola não é necessariamente a sua proximidade física, mas a proximidade afetiva, de parentesco ou amizade que os faz sentir-se como um todo coletivo.

A análise técnica do espaço muitas vezes não é suficiente para se depreender as reais necessidades da comunidade residente. Neste ponto, cabe enfatizar que “vai depender em aprendermos a escutar as pessoas não profissionais, compreender o que querem, como eles veem, e como realmente colaborar com eles...” (APPLEYARD apud DEL RIO, 1990). Logo, o fato de se comunicar e envolver a população que mora ou utiliza aquele equipamento urbano e seu entorno é essencial.

O desenho urbano trata os aspectos relacionados à disposição, à aparência e à funcionalidade, focando a forma e o aproveitamento do espaço público. Torna-se, então, necessário recorrer a determinados elementos, aos quais Kevin Lynch (1960) dá uma importância fundamental na caracterização da imagem urbana. Esse processo de desenho urbano deve abranger as características específicas do lugar enquanto território, respeitando sua complexidade e particularidades. Tais conceitos resumem-se em:



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

- **Permeabilidade** - É um dos conceitos responsáveis pela vitalidade do ambiente construído e é representado pela capacidade que um espaço urbano tem de oferecer às pessoas, escolhas de caminhos através dele e para outros pontos da cidade.
- **Variedade** - O ambiente construído será mais atrativo se oferecer diversas opções de experimentação, portanto a variedade também é um conceito fundamental para a qualidade dos espaços construídos.
- **Adaptabilidade** - A identidade no ambiente urbano está presente quando as pessoas sentem que aquele espaço pertence a elas, tanto individualmente quanto coletivamente, mesmo que não pertença de direito. Esse sentimento de “propriedade” é adquirido quando existe uma clara delimitação espacial dos espaços como públicos, semi-públicos e privados.

Elementos essenciais na produção de espaços democráticos que precisam estar presentes desde os processos de planejamento, na revitalização e inclusão dos espaços públicos. Neste sentido, para a análise do desenho urbano, os conceitos orientadores foram observados na área de estudo, a fim de obter um entendimento de como as pessoas se utilizam (com maior ou menor intensidade) do espaço público estudado.

3. Zoneamento de propostas por trechos

Devido à grande dimensão da área em estudo e à dispersão das construções, para melhor compreensão da intervenção urbana paisagística, foi feito um diagrama espacial onde a comunidade foi caracterizada em três núcleos, para efeitos de estudo, onde foi possível observar as concentrações de residências e o uso do solo, cada núcleo com suas peculiaridades. (Figura 5):

- * Núcleo 01 = raio de 2 km
- * Núcleo 02 = raio de 2 km
- * Núcleo 03 = raio de 4 km



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

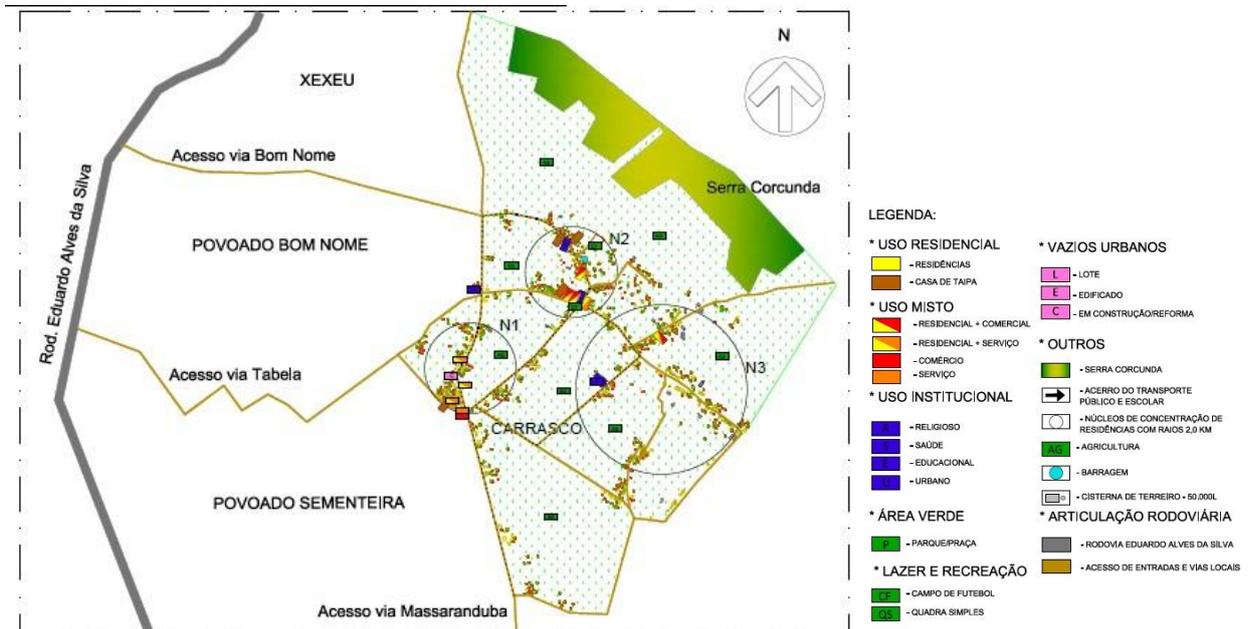


Figura 5: Divisão da comunidade em três núcleos para melhor compreensão. Fonte: www.google.com.br/intl/pt-BR/earth. Acesso, novembro 2015.

Assim foram estabelecidas sete áreas de zoneamento, distribuídas pelos três núcleos, através da diferenciação de atividades propostas contemplando espaços de estar e convívio com bancos e pérgolas, parquinho infantil, academia, espaço zen, quadra esportiva, espaço multiuso, área para jogos, área com jardim e percurso para corrida. Para caracterizar a comunidade foram utilizados símbolos *adinkra*, tanto no formato das praças como nos equipamentos urbanos, que constitui um código do conhecimento referente às crenças e à história deste povo. Essas ações estão melhor explicitadas no detalhamento a seguir, por trechos:

Núcleo 01:



Para a definição do perímetro 01 foi atribuído um raio de 2 km. Neste espaço, há uma via principal que serve de entrada à comunidade àqueles que vêm do bairro Massaranduba.

Essa via é a de maior circulação do transporte público, pois através dela o ônibus faz sua entrada e sua saída da Comunidade. Nessa via não há pontos que determinem a



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

parada do ônibus, assim como em toda a comunidade. Na entrada, já citada, há uma pequena via secundária, em direção diagonal à principal, onde nota-se um aglomerado de casas que não é identificado em outro ponto da comunidade, existindo apenas um terreno vazio que configura a intersecção das vias, (Figura 6).



Figura 6: Terreiro vazio que configura a intersecção das vias. Fotos: Acervo do autor, 2015.

Esse é o único espaço vasto e vazio nesse perímetro, as pessoas utilizam apenas para transitar, tornando-se desnecessário esse grande vão pra entrada dessa via diagonal, que poderia ter limitado os acessos através de uma praça, trazendo segurança para as pessoas e criando um atrativo para esse núcleo em função do número de residências, adaptado para atividades de lazer. Esse espaço, como foi citado anteriormente, tem um formato triangular, entre duas vias, para esse núcleo, foi proposta uma praça com a paginação de piso formando o símbolo Adinkra “SANKOFA” que significa “*volte e pegue o que importa*”. Com parquinho em piso de borracha, diminuindo o impacto e trazendo segurança às crianças, mesa de jogos, bancos e arborização (Figura 7).



Figura 7: Proposta de intervenção para o núcleo 01
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Núcleo 02:



O núcleo 02 também possui um raio de 2 km, é uma área que se encontra no centro da comunidade. A distribuição de casas obedece a um espaçamento maior do que o encontrado no Núcleo 01. Nesse núcleo encontramos a Rádio Comunitária, a Igreja Católica e a Igreja Protestante, o campo de futebol, a barragem comunitária e alguns pontos de comércio, como mercadinho e material de construção. Próximo à Barragem existe um espaço que, segundo os moradores, está destinado para um centro comunitário. Esse núcleo é o mais populoso da comunidade, lá ocorre a Festa Anual da Padroeira do Povoado, Santa Luzia e os principais encontros diários para brincadeiras entre crianças e conversas entre adultos, situações que se desenrolam no terreiro da Igreja Católica. Esse núcleo necessita de espaços de convívio e lazer adequados à valorização que esse perímetro recebe dos moradores (Figura 8).



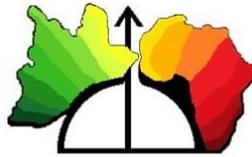
Figura 8: Rádio Comunitária, Campo de futebol, Terreiro da Igreja Católica e Barragem. Fotos: Acervo do autor, 2015.

No núcleo 02 centro da comunidade, é proposta a criação de uma praça para lazer no terreiro da Igreja Católica, mantendo o local de encontro da comunidade (Figura 9).



PLANTA DA PRAÇA DA IGREJA

Figura 9: Proposta de intervenção para o núcleo 02 no terreiro da Igreja Católica. Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Para o traçado foi pensada como imagem central uma mandala, visto que o círculo tem uma relevante importância para a cosmologia africana de energias que se unem em um só elo, através de manifestações como a capoeira, a roda de samba, entre muitas outras, tudo voltado para ideia do círculo e toda paginação com piso intertravado vermelho para não perder as raízes do solo local. A praça buscou enfatizar os encontros para conversas informais dispondo de vários bancos para o máximo de aproveitamento desses encontros. A iluminação adequada fornecendo segurança para a realização de atividades em diferentes horários e ainda substituir soluções remediadoras de segurança, como o uso de grades ou a presença de policiamento. Outra pracinha em frente à Rádio Comunitária (Figura 10), também foi proposta de modo a criar um pequeno espaço de convívio para quem visitar a rádio, visto que existe apenas um chão de terra batida. A paginação do piso permanecerá em intertravado vermelho com a imagem da mandala no centro, dando uma continuidade à praça da igreja.

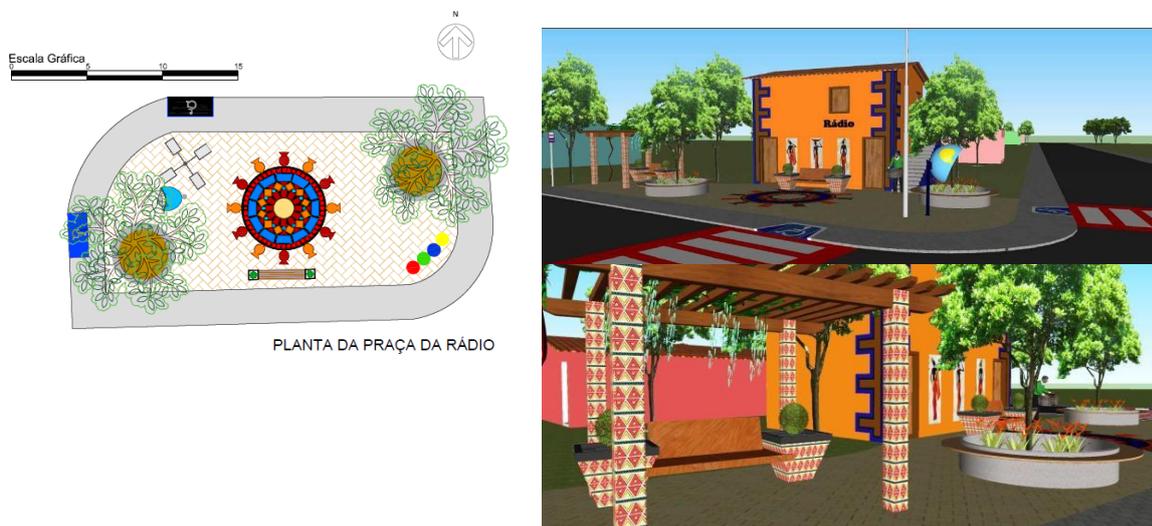
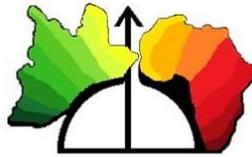


Figura 10: Proposta de intervenção para o terreno em frente à Rádio Comunitária. Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

A proposta para o campo de futebol inclui reforma com implementação de grama, inserção de arquibancada nas cores vermelha, verde e amarela, arborização com Craibeiras em todo o perímetro dessa área. Foi pensada uma pista para a prática de atividades de corrida e caminhada. A barragem também ganhou revitalização, com



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

uma ponte em madeira, permanecendo com a vegetação existente, pérgolas em forma de semicírculos sombreando os bancos de praça e nesse mesmo espaço uma academia ao ar livre. (Figura 11).



Figura 11: Proposta de intervenção do núcleo 02. Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

O espaço destinado para o Centro Comunitário, em sua planta baixa, formará um símbolo Adinkra, DWENNIMMEN (Figura 12) que significa “humildade, juntamente com a força”.



Figura 12: Símbolo africano DWENNIMMEN.

Fonte: <http://afrobrasileiros.net.br>.

Esse mesmo espaço funcionaria como um complexo multiuso, dividido em quatro blocos circulares (Figura 13), com faixas de desenhos tribais africanos nas paredes, no centro haverá uma fonte, com um monumento ao negro. Será um espaço para estabelecer o comitê de sua Associação de Moradores. O primeiro bloco seria a



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Associação o segundo bloco uma Casa de Memória, área para exposição que conte a história da comunidade, com espaço de áudio e vídeo para a apresentação de documentários.



VISTA ÁREA



ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA

Figura 13: Proposta de intervenção do complexo multiuso.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

O terceiro bloco será um centro cultural espaço para eventos e reuniões, o quarto bloco terá um centro de artesanato e de alimentação produzidos pelos moradores, com oficinas de artesanato. É preciso lembrar que o artesanato é importante não somente para o suporte à renda dessas famílias, mas também para o fortalecimento da cultura alagoana. Nesse quesito a comunidade está muito evoluída, sua produção de artesanato é muito rica. A cabaça, principal matéria prima utilizada, foi uma das primeiras plantas cultivadas no mundo, não apenas para uso na alimentação, mas para ser utilizada como um recipiente de água. Na comunidade, as cabaças se transformam em peças que expressam a história do local e reafirmam a identidade étnica do povo quilombola.



SALVADOR E SUAS CORES 2017
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Núcleo 03:



O núcleo 03 é mais extenso do que os anteriores, possui 4 km de raio, nele está inserida a escola. Foi proposto um ponto de ônibus próximo à escola, além do caminho até ela. Paisagismo com piso intertravado, formando mandalas coloridas, deixando o caminho interessante e aconchegante, desenhado especialmente para o percurso das crianças. (Figura 14).

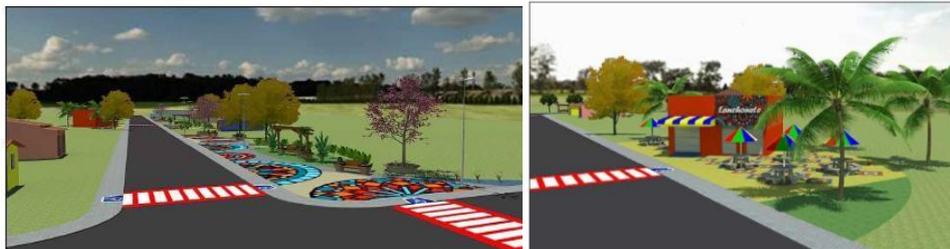
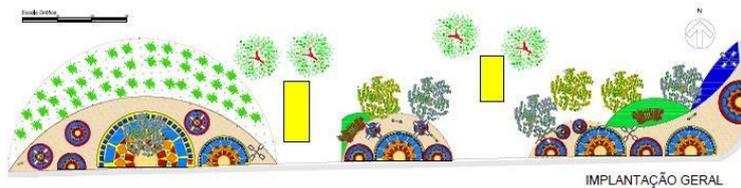


Figura 14: Proposta de intervenção do núcleo 03 do caminho escolar e lanchonete. Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Nesse mesmo perímetro haverá outra área de convívio, devido à distância em relação aos outros núcleos, projetada para ser um local de contemplação. Haverá um redário, mesas de jogos, próprias para área externa, playground com gangorras, escorregadores e balanços (Figura 15).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

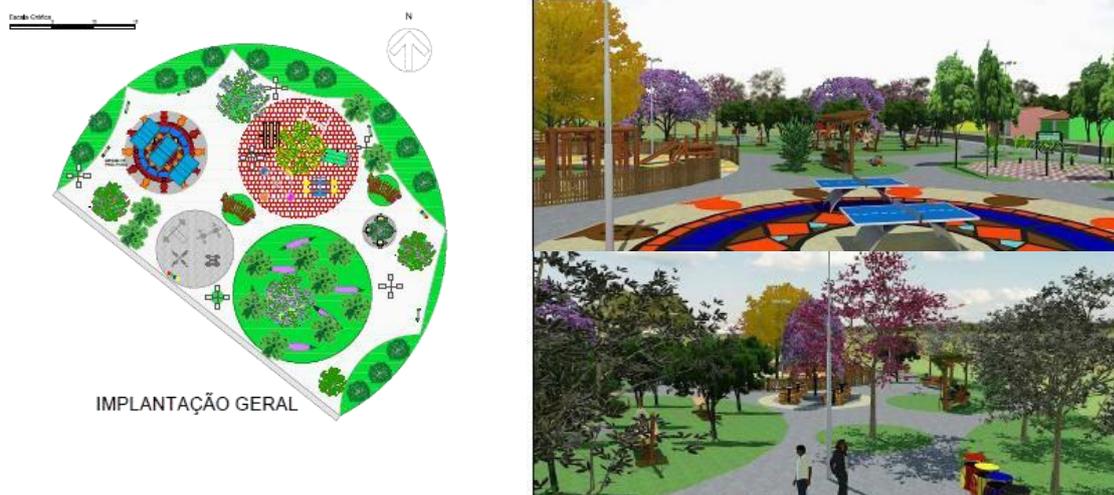


Figura 15: Proposta de intervenção praça.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Foram criadas novas possibilidades de uso da praça com espaços de estar e convívio, respeitando as atividades atuais e proporcionando acessibilidade universal por toda a área de projeto e ruas do entorno. Estabeleceu-se assim um projeto que resgata e potencializa usos existentes, como a conversa informal nos terreiros, para a qual foi criada uma delimitação de piso através de simbologias Adinkra refletindo um sistema de valores humanos universais: família, integridade, etc. Reforçando essa atividade sem entrar em conflito com outros usos, ampliando também as possibilidades do espaço público para novas atividades, como apresentações que ocorrem na escola do Carrasco: capoeira, danças, seminários, entre outros. Além de área verde, lazer e espaços de estar e descanso para os moradores.

A intervenção buscou permanecer com os hábitos de convívio e interação social, prevendo espaços que promovam o desenvolvimento local, a inclusão social e o fortalecimento da identidade cultural inserindo materiais econômicos e rústicos, como a madeira, que lembram a chegada dos negros ao povoado. Demandas para um desenvolvimento do bem estar da população, a construção de espaços que servirão de apoio a atividades relacionadas ao desenvolvimento econômico, educacional, social e de saúde da comunidade. A criação do desenho atrativo do paisagismo levará



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

em conta um crescimento futuro organizado, além de visitas do público ao local e a facilitação de suas atividades.

4. PROPOSTA URBANO-PAISAGÍSTICA

O desafio desta proposta urbanística é o de valorizar o sentido do lugar, ou seja, os traços culturais da comunidade e a paisagem existente. Na criação desse anteprojeto é importante enfatizar que as necessidades e vontades de seus moradores foram levadas em conta, de acordo com o espaço, destinando um fim prático, atrativo e confortável, trazendo integração e funcionalidade para o Carrasco. A intervenção foi pensada em termos de aspectos organizacionais do espaço físico, bem como a preservação do meio ambiente no qual a comunidade está inserida. Diante do que foi apreendido com os resultados da análise, a intervenção urbano paisagística da área em estudo visa, especialmente, o resgate da comunidade, criando atrativos urbanos a partir de algumas simbologias africanas, melhorando a mobilidade e acessibilidade, agregando valor aos espaços de uso coletivo, em especial aqueles designados como terreiros, e privilegiando a interação social de acordo com a cultura quilombola. Seu diferencial é ter partido das áreas de maior concentração de casas existentes nos três núcleos, além de possibilitar usos diversos em função da simplicidade do projeto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população africana desenvolveu características próprias de se relacionar entre si e com o mundo, caracteriza-se pela alta sintonia com seu meio ambiente. A primeira e principal conclusão à qual este estudo nos conduz é a constatação de que, para entender as formas de vida dos descendentes dos africanos no Brasil, é imperioso começar por procurar compreender as condições de vida e as concepções socioculturais da matriz africana e os significados daquilo que se entende por território. Pressupõe-se uma reflexão sobre a situação das comunidades quilombolas atuais, em um contexto onde se levantam vozes de retrocesso, principalmente, no que diz respeito às demarcações de território, não só quilombola, mas, também, indígena. É



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

fundamental chamar a atenção daqueles que podem, de alguma forma, colaborar com a luta dessas comunidades, além de levar ao conhecimento de quem se interessar, da existência dos remanescentes de quilombos e suas dificuldades, especialmente com relação ao direito de posse legal das terras onde vivem. Resta-nos compreender que aqui estamos falando não do passado, não do que sobrou, estamos falando de futuro.

A comunidade quilombola do Carrasco, por ter sido formada há bastante tempo e certificada recentemente, carece do conhecimento externo de sua existência. Assim, apresenta ainda muitas dificuldades quanto ao seu meio físico, mas ao mesmo tempo possui um complexo repertório cultural. Estas características garantem que seja possível alavancar seu processo de desenvolvimento. O arquiteto e urbanista, como profissional responsável por planejar os espaços públicos e privados, visando o bem estar do usuário, se enquadra perfeitamente nesse processo de desenvolvimento, justamente por fazer o seu trabalho levando em conta todas as características (físicas, culturais, históricas, etc.) das pessoas para as quais planeja.

Por fim, é importante enfatizar que, a pesquisa pretendeu, de forma geral, conscientizar ou pelo menos sensibilizar a sociedade da importância dos afrodescendentes na formação da sociedade brasileira e das necessidades e problemas que as comunidades quilombolas remanescentes enfrentam hoje.

6. BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Prof. Felipe **A Igreja não acreditava que o escravo tivesse alma?**

Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2013/02/19/a-igreja-nao-acreditava-que-o-escravo-tivesse-alma>>. Acesso em: 27 out 2015.

DEL RIO, Vicente. Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento. São Paulo: PINI, 1990.

ITERAL, **Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas**. Disponível em: www.iteral.al.gov.br. Acesso em: 10 out 2015.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

LUIZ, Telmary Kazmierczak. **Quilombos no Brasil Escravista: Espaços de Liberdade e Resistência**. Secretaria de Estado da Educação Programa de Desenvolvimento Educacional. Curitiba, 2008.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

MUNANGA, Kabengele. Povo Negro. **Revista USP**, São Paulo (28): 56-63, Dezembro/Fevereiro. 1995. Acesso em: 03 ago 2015.

OLIVEIRA, Saulo. **Parecer Analítico com base no Plano Político Pedagógico da Escola Manoel João da Silva**. Estágio Curricular Supervisionado. Arapiraca, 2014, 9 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. **Agenda 21 Arapiraca: Processo de Construção – Caderno Técnico**. Arapiraca: Consultoria Cidade Digital, 2008. Disponível em: <http://www.arapiraca.al.gov.br/v3/>. Acesso em: 20 out 2015.

ROBERTO, Mario Weyne Corrêa. **Quilombos urbanos em Porto Alegre: uma abordagem histórica da titulação do quilombo da Família Silva [2003-2007]**. 2010. 53 f.(Monografia) Porto Alegre. 2010.

STABEN, A. E. Visões sobre o comércio de escravos entre Pernambuco e a Costa da Mina no século XVIII. 2011. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/Vis%C3%B5es-sobre-ocom%C3%A9rcio-de-escravos-Ana-Emilia-Staben.pdf>>. Acesso em 23 set. 2017

VIEIRA, Jorge Luiz Gonzaga. et al. Quilombolas em Alagoas: as raízes africanas e o direito à demarcação dos territórios¹. Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://revistas.cesmac.edu.br/index.php/refletindo/article/download/188/143>>. Acesso em: 01 out 2015.

WAGNER, Alfredo Berno de Almeida. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'Dwyer, Eliana C. (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2002 p.83-108.